



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A LÍNGUA COMO METÁFORA DE SILENCIAMENTO DA VOZ NEGRA FEMININA EM *TORTO ARADO*

THE TONGUE AS A METAPHOR FOR THE SILENCING OF THE BLACK FEMALE VOICE IN TORTO ARADO

Blaunya Junnian de Jesus Fukuchima (UEG)¹

Harumi Vitória Fukuchima (UEG)²

Resumo: O artigo aborda a opressão histórica das mulheres negras, refletida em sua exclusão e silenciamento, principalmente nos contextos de gênero e raça. A partir de uma análise interseccional, baseada no feminismo negro e no pensamento decolonial, o estudo investiga as estratégias de resistência dessas mulheres, tomando como metáfora o corte da língua de Belonísia em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, que simboliza a perda da voz imposta pelo racismo e pelo patriarcado. Além disso, obras como *Ensinando a Transgredir*, de Bell Hooks, e *O Pacto da Branquitude*, de Cida Bento, são utilizadas para estender a discussão, apontando a educação libertadora e o combate ao pacto de exclusão racial como caminhos essenciais para que as mulheres negras possam reivindicar seu espaço e voz. O artigo propõe valorizar as vozes de autoras negras para que representem suas próprias histórias e experiências, em um esforço de escuta ativa e inclusão. Ao analisar essas obras, o estudo visa contribuir para o debate sobre a opressão, a resistência e o papel fundamental da educação e da reflexão crítica na construção de uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: Feminismo negro. Silenciamento. Pensamento decolonial. Mulheres negras. Resistência.

Abstract: The text addresses the historical oppression of black women, reflected in their exclusion and silencing, mainly in contexts of gender and race. Based on an intersectional analysis, based on black feminism and decolonial thought, the study investigates the resistance strategies of these women, using as a metaphor the cutting of Belonísia's tongue in *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior, which symbolizes the loss of voice imposed by racism and patriarchy. In addition, works such as *Teaching to Transgress*, by Bell Hooks, and *The Pact of Whiteness*, by Cida Bento, are used to expand a discussion, pointing to liberating education and the fight against the pact of racial exclusion as essential paths for black women to claim their space and voice. The article proposes to value the voices of black authors so that they represent their own stories and experiences, in an effort of active listening and inclusion. By analyzing these works, the study aims to contribute to the debate on oppression, resistance and the fundamental role of education and critical reflection in the construction.

Keywords: Black feminism. Silencing. Decolonial thought. Black women. Resistance.



INTRODUÇÃO

A opressão histórica das mulheres negras, caracterizada pelo silenciamento de suas vozes e pela exclusão dos espaços de poder, é um tema central no campo dos estudos sobre gênero e raça. Essas mulheres têm sido duplamente marginalizadas: primeiro pelo racismo estrutural que permeia as relações sociais e institucionais, e segundo pelo patriarcado, que as coloca em uma posição de invisibilidade tanto nos discursos acadêmicos quanto na sociedade como um todo. Nesse contexto, entender os mecanismos de silenciamento e as formas de resistência desenvolvidas por essas mulheres é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Este estudo se debruça sobre o silenciamento histórico das mulheres negras e as estratégias que elas criaram para resistir e transgredir os espaços de opressão racial e de gênero. Para isso, o artigo parte de uma análise interseccional, ancorada no feminismo negro e no pensamento decolonial. Segundo Catherine Walsh (2009), o pensamento decolonial não se trata apenas de uma crítica ao colonialismo histórico, mas de uma práxis de resistência e reexistência que desafia a colonialidade do saber e do poder, abrindo caminhos para outras formas de conhecimento e existência. Dessa forma, utilizamos a obra: *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, para fazer uma metáfora com a língua cortada da personagem Belonísia, e mostrar o quanto as mulheres negras têm sido privadas do poder de sua voz ao longo dos tempos. Abordaremos também a obra *Ensinando a Transgredir*, de Bell Hooks, e *O Pacto da Branquitude* de Cida Bento. Essas obras oferecem diferentes perspectivas sobre o tema, destacando tanto a importância de uma educação libertadora quanto a necessidade de romper com as barreiras invisíveis impostas pela branquitude na sociedade brasileira. O presente estudo prioriza utilizar as vozes de escritoras negras, pois o dar voz é pensar no todo, e que ele seja representado por vozes que façam parte deste silenciamento histórico.

A relevância deste estudo reside no fato de que, embora haja um crescente debate sobre a situação das mulheres negras no Brasil, suas vozes ainda são frequentemente silenciadas ou marginalizadas. Ao trazer para o centro da discussão a análise de obras literárias e teóricas que abordam essas questões, o presente artigo busca contribuir para a ampliação do debate sobre as relações de poder e os desafios enfrentados por essas mulheres na contemporaneidade.



Os objetivos deste trabalho são, primeiramente, analisar como as personagens de *Torto Arado*, especialmente Bibiana e Belonísia, encarnam esse silêncio histórico e, ao mesmo tempo, encontram formas de resistência diante de uma realidade rural opressora. Em seguida, discutir como Bell Hooks(2013) em *Ensinando a Transgredir*, articula uma pedagogia libertadora que visa romper as estruturas de poder que silenciam as mulheres negras, oferecendo um caminho para a emancipação dessas vozes. Por fim, ao integrar o conceito de *O Pacto da Branquitude*, de Cida Bento (2002) o artigo amplia a discussão para além das personagens literárias, refletindo sobre as barreiras invisíveis que ainda impedem a ascensão social e o reconhecimento pleno das mulheres negras na sociedade contemporânea.

Com essa abordagem, espera-se não apenas contribuir para o debate sobre a opressão e a resistência das mulheres negras, mas também oferecer reflexões sobre a importância de uma escuta ativa, de uma educação inclusiva e do compromisso com a equidade racial e de gênero.

O SILENCIAMENTO E A RESISTÊNCIA EM *TORTO ARADO*

Em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, a história de Bibiana e Belonísia se desenrola em um ambiente rural marcado por opressões históricas e silenciamentos profundos. As protagonistas representam de maneira visceral o que significa ser mulher negra em um espaço onde as relações de poder, herdadas da escravidão, ainda moldam as vidas e as subjetividades das pessoas. A condição de mulheres negras em um Brasil rural, onde as vozes são frequentemente apagadas, encontra na obra uma expressão literária que transcende o particular e se conecta ao silenciamento estrutural experimentado por gerações de mulheres negras.

O ponto central do silenciamento em *Torto Arado* está na personagem Belonísia, cuja perda literal da fala após um acidente com um facão simboliza a impossibilidade histórica de as mulheres negras expressarem suas vozes em uma sociedade que as vê apenas como mão de obra, invisibilizando suas subjetividades. O acidente de Belonísia ocorre quando, em um momento de curiosidade infantil, ela mexe no facão da avó, resultando em uma lesão na língua que a impede de falar. A mutilação de sua fala é, ao mesmo tempo, a mutilação de seu direito à expressão e à autonomia, refletindo o destino de muitas mulheres negras cujas histórias são silenciadas pela



violência e pelo racismo estrutural. Djamila Ribeiro (2019) destaca que o ato de falar vai além da simples emissão de palavras, sendo uma forma de afirmar a própria existência. Ela enfatiza que o conceito de lugar de fala desafia a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes, que está diretamente ligada à hierarquia social (Ribeiro, 2019, p. 30).

No entanto, Itamar Vieira Júnior constrói essa narrativa de forma a mostrar que, mesmo diante do silenciamento físico, Belonísia resiste. Ela desenvolve formas de comunicação que transcendem a linguagem verbal, como o uso do olhar e a linguagem corporal, demonstrando que, embora tenha perdido a voz, não perdeu a agência sobre si mesma. Essa resistência se materializa de maneira poderosa na solidariedade entre Belonísia e sua irmã Bibiana. Elas compartilham uma cumplicidade que transcende a palavra, e é por meio desse vínculo que Belonísia consegue se afirmar como sujeito. A relação entre as duas irmãs é descrita por Vieira Júnior de forma íntima e detalhada, onde “os gestos diziam o que as palavras não podiam alcançar” (Vieira Junior, 2018, p. 21). Esse trecho destaca como, na ausência da fala, as mulheres encontram outras maneiras de existir e resistir, e como o vínculo comunitário e familiar serve de apoio para a construção de uma subjetividade que desafia as imposições do patriarcado e do racismo.

O silenciamento, no entanto, não é apenas físico. Ele também é imposto por uma estrutura social que perpetua a exclusão das mulheres negras, mantendo-as presas a uma condição de servidão, mesmo décadas após o fim oficial da escravidão. A fazenda Água Negra, onde se passa grande parte da narrativa, é uma representação microcômica de uma sociedade que, embora tenha abolido formalmente a escravidão, ainda mantém relações de trabalho que exploram e oprimem os descendentes de escravizados. Bibiana e Belonísia, apesar de serem centrais na manutenção da fazenda, não têm acesso a direitos ou à posse da terra, evidenciando a forma como o trabalho das mulheres negras é apropriado e invisibilizado. Vieira Júnior reflete esse processo de apagamento ao descrever a jornada exaustiva dessas mulheres, onde suas identidades são frequentemente reduzidas à força de trabalho que executam: “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas.” (Vieira Junior, 2018, p. 113).



Entretanto, *Torto Arado* não é apenas uma narrativa sobre a opressão; é, acima de tudo, uma história de resistência. Bibiana e Belonísia encontram maneiras de se subverter às estruturas de poder que buscam silenciá-las. A espiritualidade é uma das formas mais marcantes de resistência presentes no romance. As mulheres da fazenda, incluindo as protagonistas, mantêm vivas as tradições religiosas e espirituais de suas ancestrais, como um meio de afirmação identitária e de conexão com algo que transcende a opressão cotidiana. A prática das rezas e dos rituais comunitários aparece no texto como uma maneira de resistir à desumanização: “Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar.” (Vieira Junior, 2018, p. 20). A espiritualidade aqui se torna não apenas uma fonte de conforto, mas uma forma ativa de transgressão, onde as mulheres podem se reconectar com sua ancestralidade e, por meio dela, reivindicar sua humanidade.

Essa resistência através da espiritualidade dialoga diretamente com a pedagogia crítica proposta por Bell Hooks em *Ensinando a Transgredir*. Para Hooks (2013) a educação e a prática pedagógica devem ser espaços onde as vozes silenciadas possam emergir em sua plena potência. Embora Bibiana e Belonísia não estejam em um ambiente educacional formal, elas encontram na espiritualidade e na relação com a terra um espaço de aprendizado e de reafirmação de suas identidades, algo que Hooks (2013) também considera fundamental para a libertação dos oprimidos. A transgressão, nesse sentido, ocorre quando as personagens se recusam a ser apenas aquilo que a sociedade espera delas – mão de obra silenciosa e obediente – e se reconectam com suas raízes, suas histórias e suas vozes, mesmo quando estas não podem ser expressas de maneira tradicional.

A resistência das protagonistas também se manifesta em pequenos atos cotidianos que, apesar de parecerem simples, carregam uma carga simbólica de luta contra o silenciamento. Bibiana, por exemplo, assume uma postura cada vez mais ativa na comunidade e, ao se envolver em questões políticas locais, desafia diretamente as estruturas de poder que tentam manter as mulheres negras fora dos espaços de decisão. Mesmo sem grandes discursos ou gestos grandiosos, a presença de Bibiana na esfera pública é, por si só, um ato de resistência. Vieira Júnior captura esse momento com sutileza, escrevendo:



Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência, a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar.” (Vieira Junior, 2018, p. 19).

Além disso, a relação das personagens com a terra é central para sua resistência. A terra, que é ao mesmo tempo fonte de sustento e espaço de exploração, torna-se, para Bibiana e Belonísia, um símbolo de luta e pertencimento. A reivindicação da posse da terra, que aparece como uma das principais demandas das personagens ao longo da trama, representa o desejo de quebrar as correntes da servidão que as ligam a um sistema de opressão. Essa luta pelo direito à terra reflete uma batalha maior pelo reconhecimento de sua humanidade e pelo direito à autodeterminação, algo que, para elas, vai além de questões materiais – é uma afirmação de seu lugar no mundo.

Portanto, o silenciamento e a resistência em *Torto Arado* estão intrinsecamente conectados. Itamar Vieira Júnior oferece uma narrativa onde o apagamento das mulheres negras é real e profundo, mas ao mesmo tempo apresenta formas complexas e poderosas de transgressão. As personagens de Bibiana e Belonísia, ainda que silenciadas pela sociedade, encontram maneiras de resistir, seja por meio da espiritualidade, da solidariedade comunitária ou de pequenos atos de insurgência cotidiana.

Essa resistência ecoa a transgressão pedagógica defendida por Bell Hooks(2013), que também acredita que as vozes oprimidas sempre encontram formas de emergir e desafiar as estruturas que tentam apagá-las. O silenciamento da voz feminina pode ser entendido a partir da reflexão de Bell Hooks (2013, p. 225), que descreve como, no contexto da diáspora africana, as mulheres, assim como os homens negros, foram arrancadas de seus laços culturais e linguísticos e forçadas a encontrar novas formas de comunicação em um ambiente hostil. Nesse "mundo novo", onde sua negritude e não a língua comum passou a ser o elo, as mulheres negras foram silenciadas não apenas pela violência física e psicológica, mas também pela perda de suas vozes culturais e identitárias. Esse deslocamento resultou em uma opressão profunda, em que o som da própria língua perdeu o sentido, ecoando a maneira pela qual as mulheres, especialmente as negras, são



historicamente privadas de seus espaços de fala e expressão. *Torto Arado*, assim, não apenas revela o silenciamento histórico das mulheres negras, mas também celebra sua capacidade de resistência e de criação de novos caminhos para a liberdade.

PERSPECTIVAS DO CONHECIMENTO E DA EDUCAÇÃO CRÍTICA EM *TORTO ARADO*

O conhecimento na obra *Torto Arado* é visto de diferentes formas, a depender dos personagens. Percebe-se, através da leitura, um interesse muito grande do pai em levar uma escola à população local, permitindo o conhecimento aos que não possuem acesso à educação escolar. O conhecimento do pai eram “as lições que a natureza havia lhe dado”, e, embora não soubesse ler ou escrever, era vasto em relação à terra, às plantas, às raízes, aos animais e às fases da lua. A mãe, que conhecia as letras, mas não os números, almejava que as filhas conseguissem obter a formação necessária, o que é concebido por Bibiana, que se torna professora local. Percebe-se no texto, que a personagem trabalha perspectivas do letramento racial crítico, sem sequer conhecer essa nomenclatura, pois, segundo o enredo “ensinava sobre a história do povo negro, ensinava matemática, ciências e fazia as crianças se orgulharem de serem quilombolas.”

As crianças ficavam atentas, não sabiam que havia uma história tão antiga atrás daquelas esquecidas. Uma história triste, mas bonita. E passavam a entender porque ainda sofriam com preconceito no posto de saúde, no mercado ou nos cartórios da cidade. Onde lhes apontavam dizendo “olha o povo do mato” ou “negrinhos da roça”. Compreendiam porque tudo aquilo não havia terminado. Você incutiu naquelas vidas um respeito grande por suas histórias.” (Vieira Junior, 2018, p. 236).

Diferente da irmã, Belonísia não tem nenhum interesse pela educação escolar, e é perceptível na obra um modelo de ensino totalmente diferente daquele abordado por Bibiana enquanto professora, citando a falta de aprendizado ligada às “histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa”, (Vieira Junior, 2018, p.91) contadas por dona Lourdes, a professora. Outro aspecto citado no texto que merece destaque é a questão de algumas pessoas do povoado de Santa Bárbara permitir que somente o filho homem tivesse acesso à educação, enfatizando que



“menina não precisava aprender nada de estudo”, o que representa, mais uma vez, o silenciamento da voz feminina.

Embora aparentemente as discussões sobre raça, etnia e cor sejam pauta em muitos estudos e propostas, o que se percebe de fato é um longo caminho a se trilhar. Atualmente, existem leis que incluem no currículo escolar das instituições brasileiras o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e também indígena, uma estratégia que visa fazer com que as pessoas reconheçam as histórias silenciadas dentro da nossa própria história e que valorizem de forma igualitária as diferentes culturas no nosso território brasileiro. Aparecida de Jesus Ferreira (2015) apresenta a proposta do Letramento Racial Crítico como uma contribuição para o ensino, “pois usa de reflexão como um meio de implementar uma educação antirracista. Desta forma, sugere que, através da reflexão, é possível ter um curso de formação de professores que esteja atento às questões de desigualdade que ocorrem com estudantes afrodescendentes dentro do sistema escolar.” (Ferreira, 2015, p.181).

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. [...]. Como formadora de professoras/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade. (Ferreira, 2015, p. 138).

A autora aponta em seus estudos que a construção das identidades sociais dos nossos alunos ocorre principalmente dentro do contexto escolar, por isso as propostas do Letramento Racial Crítico visam contribuir “para uma possível minimização da exclusão de alunos pertencentes à raça/etnia e/ou gênero inferiorizados socialmente e/ou nas salas de aula, por meio de reflexões sobre esses conceitos (Ferreira, 2011, p. 115). Nessa mesma linha de pensamento, Hooks (2013, p.273) aponta as salas de aula como o ambiente das possibilidades de se “trabalhar pela liberdade, de exigir de nós uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir.”



Cruzar fronteiras exige de nós, rompimentos. Além disso, a necessidade de que educadores tenham um conhecimento claro sobre cultura e diversidade, relacionando ensino ao contexto do aluno. Perceber a importância das questões de gênero e raça é o primeiro passo a ser tomado. As propostas de Letramento Racial Crítico devem permear nossas disciplinas, nossos dizeres e nossas atitudes, para que possamos dar vozes às diversas línguas cortadas pelo silêncio, pelo apagamento e, por diversas vezes, pela exclusão.

A VOZ NEGRA FEMININA: SILENCIAMENTO E PACTO DA BRANQUITUDE

A língua cortada de Belonísia carrega um peso que vai além do físico. É como se, naquele corte, estivesse toda uma história de dor, silenciamento e luta das mulheres negras. O que acontece com Belonísia é simbólico: ela não perde apenas a capacidade de falar, ela é silenciada. E isso nos fez refletir sobre quantas outras Belonísias existem ao nosso redor, com suas vozes caladas, mas suas lutas vivas.

O silenciamento da mulher negra é uma ferida aberta na nossa sociedade. Ao longo dos séculos, as mulheres negras têm suas vozes apagadas, como se suas experiências, suas vivências e seus saberes fossem menos importantes. Não é só sobre ser ouvida. É sobre não ter o direito de existir plenamente, com sua voz, sua força e sua identidade. A metáfora da língua cortada de Belonísia, então, nos oferece um espelho cruel, mas necessário, sobre como as estruturas de poder funcionam para excluir e invisibilizar essas mulheres.

Cida Bento, em sua obra *O Pacto da Branquitude* (2002), nos revela que esse silêncio imposto não é casual. Ele é parte de um pacto, um acordo não verbalizado, mas que todos compreendem: o privilégio branco se mantém intacto à custa da exclusão dos outros, especialmente das mulheres negras. Esse pacto se reflete nos olhares que desviam, nas oportunidades negadas, nas falas interrompidas. Quantas vezes uma mulher negra é interrompida quando fala? Quantas vezes é tratada como se sua opinião fosse um detalhe, uma "exceção"? Esse pacto nos molda e se infiltra nas relações cotidianas, muitas vezes sem que sequer percebamos.

Falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem



na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios. (Bento, 2002, p. 17).

Em *Ensinando a Transgredir* (2013) Bell Hooks nos provoca ao afirmar que a educação é um ato político. Não estamos falando apenas de transmissão de conhecimento, mas de uma ferramenta transformadora, capaz de romper com as estruturas opressivas que sustentam o silenciamento de certas vozes. Hooks, uma mulher negra que se impôs em espaços historicamente vedados às mulheres como ela, nos mostra que falar é, por si só, um ato revolucionário. Mais do que isso, resistir e educar são, para mulheres negras, formas de sobrevivência, de desafiar um sistema que insiste em apagá-las.

Essa fala de Hooks (2013) ecoa de maneira visceral quando pensamos na metáfora de Belonísia em *Torto Arado*. Ao ter sua língua cortada, Belonísia é privada de sua capacidade de falar, expressar-se da maneira que conhecia. Ela é silenciada. Mas essa imagem vai muito além do corte físico. Belonísia, como tantas outras mulheres negras ao longo da história, representa o silenciamento estrutural das impostas que, por sua cor, seu gênero e sua origem social, foram privadas de narrar suas próprias histórias. Essa língua cortada se transforma em uma arma de controle social, pois não permite que uma mulher negra faleça é, essencialmente, negar sua existência plena. Se ela não pode falar, ela não pode reivindicar seu espaço, não pode expor suas dores, seus desejos, suas lutas.

O ato de silenciar uma mulher negra é, portanto, uma forma cruel de controlar seu destino. Se ela não fala, ela não conta sua história. E o que seria de nós, como seres humanos, senão nossas histórias? É por meio das narrativas que construímos nossa identidade, que nos conectamos com os outros, que reivindicamos nosso lugar no mundo. Privar uma mulher negra de sua voz é privar de sua humanidade. É uma estratégia antiga e insidiosa de desumanização. Ao longo da história, o silenciamento das mulheres negras assumiu diferentes formas. Durante a escravidão, eram forçadas ao trabalho exaustivo, seus corpos objetificados, suas vozes ignoradas. Não havia espaço para que falassem de seus sonhos, medos e aspirações. Mas o silêncio imposto nunca foi total. Mesmo sob opressão, encontraram formas de se expressar: cantavam enquanto trabalhavam, transmitiam histórias e saberes ancestrais por meio do corpo, reinventavam a resistência no cotidiano. Seus



gestos, olhares e canções eram mais do que simples manifestações culturais eram formas de preservar sua identidade e afirmar sua existência. Como aponta Bell Hooks, "para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação" (2019, p. 36). Falar, para essas mulheres, nunca foi apenas um ato comum, mas um enfrentamento direto às estruturas que tentavam reduzi-las ao silêncio. Ainda que muitas vezes suas vozes não fossem ouvidas, elas encontravam maneiras de se fazer presentes, recusando-se a desaparecer da história.

No presente, esse silenciamento persiste, de maneira menos explícita, mas igualmente devastadora. As mulheres negras ainda são frequentemente restauradas nos espaços de poder e de decisão. São sub-representadas em instituições de ensino, nas esferas políticas, na mídia. Quando falam, muitas vezes suas falas são desqualificadas, suas vozes são tratadas como secundárias. É como se a língua cortada de Belonísia ainda ecoasse nos corpos e mentes de tantas mulheres negras que não encontram espaço para serem ouvidas.

Mas, assim como Bell Hooks, essas mulheres continuam a resistir. Elas transformam a dor do silenciamento em combustível para a luta. Para Hooks (2013), a educação é o caminho para transgredir essas barreiras, para romper com o ciclo de opressão. Educar, para ela, é uma forma de libertação, não apenas para as mulheres negras, mas para todos aqueles que vivem à margem. É através do conhecimento, do questionamento, que as mulheres negras podem recuperar suas vozes e contar suas histórias.

A aceitação da descentralização global do Ocidente, a adoção do multiculturalismo obrigam os educadores a centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê? Cuidar para que todos os alunos cumpram sua responsabilidade de contribuir para o aprendizado na sala de aula não é uma abordagem comum no sistema que Freire chamou de "educação bancária", onde os alunos são encarados como meros consumidores passivos. Uma vez que tantos professores ensinam a partir desse ponto de vista, é difícil criar uma comunidade de aprendizado que abrace plenamente o multiculturalismo. Os alunos estão muito mais dispostos que os professores a abrir mão de sua dependência em relação à educação bancária. Também estão muito mais dispostos a enfrentar o desafio do multiculturalismo. (Hooks, 2013, p. 57).

É exatamente aqui que o corte da língua de Belonísia assume outro significado. Se, a princípio, ele simboliza a perda, o desligamento, ele também pode ser lido como um ponto de



virada. Quando uma mulher negra, como Hooks, resiste ao silenciamento e educa – seja em uma sala de aula, em um livro, em uma conversa com seus filhos – ela está religando sua língua cortada. Ela está reivindicando seu direito de falar, de existir e de ser ouvida.

Portanto, a língua cortada de Belonísia nos lembra que, mesmo quando tentamos nos silenciar, há sempre uma possibilidade de resistência. Mesmo sem voz, as mulheres negras encontram outras formas de comunicação. Seus corpos falam. Suas histórias sobreviveram nos cantos, nas danças, nas tradições orais. E quando essas mulheres são finalmente ouvidas, sua fala carrega não apenas suas próprias experiências, mas as histórias de tantas outras que vieram antes delas. O que seria de nós, senão histórias? A resposta para essa pergunta está nas vozes das mulheres negras que, mesmo silenciadas, continuam a nos contar quem somos e o que podemos nos tornar.

A filósofa Djamila Ribeiro, em *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), nos lembra que a invisibilidade da mulher negra não é apenas um descuido, é uma estratégia de poder. Para que o sistema racista e patriarcal funcione, é necessário que as vozes negras – e especialmente as vozes das mulheres negras – sejam silenciadas.

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação (Ribeiro, 2018, p. 18).

Djamila (2018) fala com uma clareza que corta como a lâmina que feriu Belonísia: enquanto as mulheres negras não forem protagonistas de suas próprias narrativas, continuaremos a reproduzir um sistema que as oprime. E isso dói. Dói reconhecer que vivemos em uma sociedade que ainda se alimenta do silenciamento dessas mulheres. Dói, porque quando ouvimos suas histórias, como as de Belonísia, percebemos o quanto elas têm a nos ensinar. Mas também dói porque, mesmo com toda essa riqueza de experiência, a sociedade insiste em não ouvi-las.

Mas aqui é onde a esperança começa a nascer. A língua cortada de Belonísia, ao mesmo tempo que representa esse silenciamento, também carrega uma força. Uma força de quem, mesmo sem poder falar da forma que todos esperam, encontra outras maneiras de comunicar sua existência.



As mulheres negras, ao longo dos séculos, foram forçadas a encontrar essas outras formas de comunicar-se. Elas falaram com seus corpos, com seus gestos, com suas artes, com suas resistências cotidianas. E agora, mais do que nunca, estão falando por meio de suas palavras, seus escritos, suas presenças em espaços que historicamente tentaram mantê-las de fora.

Em *Pequeno Manual Antirracista* (2019), Djamilia Ribeiro nos desafia a reconhecer o racismo em nossas ações cotidianas.

Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos—mais grave é não reconhecer e não combater a opressão. (Ribeiro, 2019, p.11).

Ela nos ensina que ouvir as vozes silenciadas é um passo essencial para a transformação. Ouvir, realmente ouvir, sem querer minimizar ou interromper. Ouvir as Belonísias da vida real, que continuam a nos dizer, mesmo em silêncio, que o corte em suas línguas não é o fim da história. Ao contrário, é o começo de uma luta por reconquista. Essas vozes estão sendo religadas, reapropriadas. Elas não pedem permissão para falar – elas exigem ser ouvidas.

Belonísia não está sozinha. Ao lado dela, estão todas as mulheres negras que, dia após dia, lutam para que suas histórias sejam contadas, para que seus espaços sejam respeitados e para que suas vozes sejam finalmente reconhecidas. O corte na língua, antes símbolo de submissão, agora se transforma em um grito de resistência. Um grito que ecoa por todas nós, desafiando as estruturas de poder que tentam calá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, expõe de forma impactante o silenciamento das mulheres negras, que atravessa gerações e se enraíza nas estruturas sociais e culturais. Através das personagens Bibiana e Belonísia, a narrativa revela as maneiras pelas quais essas mulheres resistem, ainda que de forma silenciosa, ao racismo estrutural e ao patriarcado, especialmente em um ambiente rural brasileiro, onde a opressão é intensificada.



A metáfora da língua cortada de Belonísia simboliza a privação de voz e de expressão, uma realidade que vai além do romance e ecoa a trajetória de mulheres negras ao longo da história. No entanto, o romance também destaca a espiritualidade, a solidariedade e a luta pela terra como formas de resistência que desafiam as imposições da sociedade. O conceito de *Lugar de Fala*, discutido por autoras como Djamilia Ribeiro (2018) e aprofundado através de *O Pacto da Branquitude* de Cida Bento (2002) enfatiza a importância de se reconhecer o direito à voz dessas mulheres, um passo essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Por fim, o artigo reflete sobre a pedagogia libertadora de Bell Hooks, que defende a educação como ferramenta para transformar e romper com as estruturas de silenciamento. As histórias das personagens, suas lutas e resiliência, nos lembram que a resistência das mulheres negras se perpetua, ainda que em meios alternativos de comunicação. O corte da língua de Belonísia, portanto, simboliza não apenas um ato de controle, mas um ponto de partida para que essas vozes encontrem novas formas de serem ouvidas. Reconhecer e valorizar essas histórias é fundamental para promover a justiça social e ampliar as possibilidades de existência das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas**: Com atividades Reflexivas. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; Ferreira, Susana Aparecida. **Raça/Etnia, Gênero e suas Implicações na Construção das Identidades Sociais em Sala de Aula de Línguas**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 03, nº 02, p. 114-129. 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Erguer a Voz: Pensar como Feminista, Pensar como Negra**. São Paulo, Elefante, 2019.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.



RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. Afralgide: Leya, 2018. WALSH, Catherine. "Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver". In CANDAU, Vera (org.) **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: Letras, 2009.